

MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL SOB OS OLHARES DE MAURICE HALBAWCHS E PAUL RICŒUR

Marieta J. Ferraz Ferreira¹

RESUMO:

A memória terá sempre espaço para sofisticadas discussões e vem ocupando espaço com mais frequência no âmbito da academia. O intuito do presente artigo é trazer através de Maurice Halbwachs uma reflexão sobre a fundamentação teórica acerca da memória a partir de um olhar voltado para a sociologia e Ricœur nos trará esse olhar pautado no quadro de sua fenomenologia hermenêutica. Da memória individual à memória coletiva tentaremos entender os entremeios dessas duas formas de lembrança. Bergson, que percebe a memória como fenômeno, se torna importante nesse ensaio, pois transita por esses dois pensadores. Não caberá aqui apontar quem está certo ou errado, apenas perceber como cada um tece a sua maneira e sob seu ponto de vista o tema proposto. Encontraremos contrapontos entre os dois, mas também aspectos onde os pensamentos de ambos se permeiam.

Palavras-chave: memória coletiva, memória individual, Halbwachs, Ricœur

ABSTRACT

Memory will always have room for sophisticated discussions and has been occupying space more frequently within the academy. The purpose of this article is to bring, through Maurice Halbwachs, a reflection on the theoretical foundation of memory from a perspective turned to sociology and Ricœur will bring us this perspective based on the framework of his hermeneutic phenomenology. From individual memory to collective memory, we will try to understand the interplay between these two forms of memory. Bergson, who perceives memory as a phenomenon, becomes important in this essay, as he transits through these two thinkers. It will not fit here to point out who is right or wrong, just to understand how each one weaves in their own way and from their point of view the proposed theme. We will find counterpoints between the two, but also aspects where the thoughts of both permeate.

Keywords: collective memory, individual memory, Halbwachs, Ricœur

*“Essa lembrança que nos vem às vezes...
Folha súbita que tomba abrindo na memória a flor silenciosa
De mil e uma pétalas concêntricas...
Essa lembrança... mas de onde? De quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa, mas de alguém que,
Pensando em nós, só possa mandar um eco de seu pensamento
Nessa mensagem pelos céus perdida...
Ai! Tão perdida que nem possa saber mais de quem!*

Mário Quintana

¹ Licenciatura Plena em Educação Física – UNIFOA, Pós Graduada em Educação Física Escolar – UFMT, pós graduada em Educação Nutricional, Saúde e Qualidade de vida – FACISA, mestranda em Artes da Cena – UFG (marieta-ferreira@uol.com.br)

1. INTRODUÇÃO

Parece certo pensar que não há outra forma de trazer a tona acontecimentos anteriores que não seja através da memória, porém, como as lembranças se dão através de imagens, se tornam com facilidade alvo de incredibilidade, pois as imagens acabam por estabelecerem uma linha tênue com a imaginação. Ricœur na introdução de seu livro, inicia com uma interrogação: “Lembrar-se de alguma coisa é, de imediato, lembrar-se de si?” E se coloca no dilema: a memória é primordialmente pessoal ou coletiva? [...] a quem é legítimo atribuir o phatos correspondente à recepção da lembrança e a práxis em que consiste a busca da lembrança? (RICŒUR, 2007, p. 105).

Através da obra “A memória, a história, o esquecimento”, Paul Ricœur traz um esboço fenomenológico da memória e se debruça sobre a natureza dos fenômenos mnemônicos. “[...] de forma coerente com a ideia de uma fenomenologia, a memória é apresentada como sendo voltada para algo, para um objeto – caráter objetal da memória” (RICŒUR, 2007, p. 38).

A memória puramente individual foi defendida por algum tempo pela filosofia e psicologia e pelo também senso comum, mas com o advento da sociologia e os estudos de Halbwachs, passou a ser entendida como um fenômeno social. Em seu livro “A memória coletiva”, elaborada a partir dos manuscritos deixados por ele, portanto, uma obra póstuma,

deixa claro que essa consiste num fenômeno iminente coletivo, Halbwachs cita a memória individual apenas como uma “intuição sensível”, mas que raramente acontece.

O pensamento de Halbwachs traz o entendimento que a memória não está restrita a uma subjetividade egológica, presa à duração, como faz crer alguns posicionamentos fenomenológicos e bergsoniano. Para Bergson, perceber acaba não sendo mais do que uma ocasião de lembrar, a lembrança pura é por hipótese a representação de um objeto ausente. Segundo Bergson (1999), uma percepção presente tem o poder de evocar percepções passadas que se igualam a ela e, assim, a memória nos lança imagens-lembranças do objeto ausente, como momentos múltiplos da duração.

Sem a pretensão de apontar se um ou outro pensamento está correto ou equivocado, a intenção desse artigo é entender como Halbwachs e Ricœur discorrem sobre esse tema, entendendo os entremeios da memória coletiva e da memória individual, em que ponto os dois pensadores se divergem e onde eles se entrelaçam. Bergson entende a memória como um fenômeno que prolonga o passado no presente, portanto transita entre Halbwachs e Ricœur que sob esse ponto de vista, comungam do mesmo pensamento.

2. MAURICE HALBAWCHS SOBRE A MEMÓRIA COLETIVA

Maurice Halbwachs (1877-1945) nasceu na França e consagrou-se como importante sociólogo da escola durkheimiana. Estudou filosofia em Paris com Henry Bergson e foi enormemente influenciado por ele. Até então os estudos sobre memória eram tratados pelo campo da psicologia e filosofia, foi Halbwachs quem inaugurou os estudos da memória na área das ciências sociais. Em sua obra “A memória coletiva” defende que o fenômeno da recordação e localização da lembrança só pode ser analisado se levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para a reconstrução da memória. Halbwachs morreu na Alemanha num campo de concentração nazista aos sessenta e oito anos.

Para Halbwachs, que reuniu em seus estudos o pensamento de Bergson e Durkheim, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado em um determinado grupo, a memória está ligada à afetividade e aos outros, um fenômeno influenciado pelo contexto social. “Basta que não possamos pensar em tal objeto para que nos comportemos como membro de um grupo, para que a condição desse pensamento seja evidentemente a existência do grupo” (HALBAWCHS, 2006, p. 36).

A lembrança se dá através da simultaneidade do passado no presente, através de quadros sociais e com interferência coletiva,

assim Halbwachs entende o processo da memória. Para ele, lembrar é atualizar o passado no presente e se remete a Bergson para reafirmar seu pensamento. Bergson reconhece o que chama de imagens-lembranças como a memória que permite o reconhecimento inteligível de uma percepção já experimentada, de um passado que é retomado no presente.

O passado parece efetivamente armazenar-se, conforme havíamos previsto, sob essas duas formas extremas, de um lado os mecanismos motores que o utilizam, de outro as imagens-lembranças pessoais que desenham todos os acontecimentos dele com seu contorno, sua cor e seu lugar no tempo (BERGSON, 1999, p. 97).

A influência dos “quadros sociais” da memória tem grande importância para Halbwachs na formação das lembranças do indivíduo, pois servem como pontos de referência que organizam as memórias tanto do grupo como dos indivíduos, enquanto participantes desse grupo. Nesse sentido, à medida que os grupos se constituem como comunidades, através da família, igreja, escola, a memória contribui para a formação da identidade. Conforme a posição que se ocupa em determinados grupos e que mudam as relações desse grupo com o meio, as visões sobre o passado podem mudar e variar. Normalmente nossas visões são parciais e incompletas e a participação em vários grupos faz com que essas memórias se formem como um mosaico, de forma fragmentada. “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória

coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que esse lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBAWCHS, 2006, p. 51).

O sentimento de liberdade e singularidade do indivíduo passa a ser uma ilusão nesse sentido, diante da impossibilidade de atribuir seu comportamento a uma só corrente social, não há espaço para a manifestação da subjetividade. Para Halbwachs, o indivíduo não é capaz de formar lembranças próprias, e por mais que alguém queira afirmar que a lembrança é exclusivamente pessoal, não poderá sustentá-la, a não ser com o auxílio do grupo a que pertence, pois precisará apoiar-se sobre a memória coletiva nem que seja para cobrir algumas de suas lacunas.

Acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, idéias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em unísono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros [...] nós não percebemos que não somos senão um eco (ibid, p. 47).

Somos aquilo que vemos, lemos, vivemos, sentimos e ouvindo. Segundo Halbwachs, é comum fazermos reflexões lidas em livros ou jornais, ou ouvidas numa roda de conversa com a convicção que são exclusivamente nossas, por vezes, quando lemos algo, pensamos que aquilo poderia ter sido escrito por nós, porém, não passam de

influências exercidas sobre nós. “[...] na medida que cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que a maioria das influências sociais que obedecemos como mais freqüência nos passam despercebidas” (ibid, p. 47). Essa ideia é reforçada por Halbwachs quando ele escreve que,

O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com as dos outros. (ibid, p. 54).

Se é possível que realmente exista uma lembrança estritamente individual, para Halbwachs, haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual e que para distingui-lo das percepções onde entram tantos elementos do pensamento social – ele chamou de “intuição sensível”, pois se por um lado a memória é coletiva, por outro, somente o indivíduo é capaz de lembrar. Essa intuição sensível é que denota a participação do indivíduo na formação das lembranças; porém, mesmo quando lembra individualmente, o indivíduo é apenas um instrumento das memórias do grupo.

O indivíduo isolado não forma lembranças, ou pelo menos não é capaz de sustentá-las por muito tempo, pois necessita do apoio dos testemunhos de outros para alimentá-las

e formatá-las. As memórias individuais se formam a partir da relação com o outro: Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação (ibid, p. 29).

É possível que aconteça situações que serão vivenciadas somente pelo indivíduo, objetos que somente ele viu, mas para Halbwachs, mesmo essas lembranças permanecem coletivas, porque nunca se está sozinho, e se não for possível contar com o auxílio de outras pessoas para que essas lembranças permaneçam vivas no pensamento, elas tendem a desaparecerem. “Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que nos concernem a não ser a nós próprios” (ibid, p. 49).

Por fim, para Halbwachs, o sujeito vai preenchendo sua memória com o que aprende e as impressões que adquire ao longo da vida com os grupos que convive de tal forma que o passado está sempre se atualizando, as lembranças se renovam e se completam a partir do ponto de vista do novo grupo em que está inserido. A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente. Para ele, a memória coletiva tem por sustentação um grupo limitado no tempo e no espaço e que se apoia na história vivida, sendo essa história compreendida como tudo que faz com que um período se distinga do outro. A lembrança também é entendida como

reconhecimento e reconstrução. Quando reporta ao sentimento do “já visto” é reconhecimento e reconstrução porque é diferenciada da massa de acontecimentos e vivências que se evocam e se localizam num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais. Tanto um quanto o outro dependem de um grupo de referência, pois as lembranças retomam relações sociais e são construídas a partir um fundamento partilhado de noções e dados.

3. RICŒUR SOBRE A MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

O francês Paul Ricœur nasceu em Valence em 1913 e faleceu em 2005 perto de Paris. O pensamento desenvolvido por ele revela influências da fenomenologia de Husserl, porém sofreu também influências de Marcel, Kant, Hegel e Halbwachs, entre outros. Sua obra, grandiosa e complexa intenciona conciliar algumas correntes significativas da filosofia contemporânea como a hermenêutica, a psicanálise, a fenomenologia e o existencialismo. Ricœur foi um dos grandes filósofos do período que se seguiu à segunda guerra mundial. Em sua obra “A memória, a história, o esquecimento” ele tem como fio condutor a escrita da história como historiografia e para tanto aborda no primeiro capítulo o tema memória e os enigmas que perpassam o processo da memória como tal. Nesse capítulo, que é o que nos interessa, o autor

desenvolve uma fenomenologia da memória, que parte de uma convicção, face a Husserl, da primazia da intencionalidade objetual sobre a problemática egológica. A primazia concedida durante muito tempo à questão “quem”, à ideia de que o sujeito gramatical da memória é o “eu”, provocou um grande impasse, com a entrada em cena da memória coletiva.

De acordo com Ricœur, a intencionalidade objetual da memória revela uma aporia, o aspecto cognitivo e pragmático que remete ao uso dos termos gregos *mnèmè* e *anamnèsis* e foram eles, os gregos, os primeiros a levantarem a problemática da memória individual e utilizaram dessas duas palavras para se referirem à memória: *mnèmè*, como atividade inconsciente que caracteriza a memória que se dá a mente de forma passiva e involuntária, numa carga de passado (*pathos*), isto é, ter uma memória como um tipo de registro; e a outra, a *anamnèsis*, uma atividade consciente, como a busca de algo do passado, uma recordação desejada, assim,

A distinção entre *mnèmè* e *anamnèsis*, apoia-se em duas características: de um lado, a simples lembrança sobrevém à maneira de uma afecção, enquanto a recordação consiste numa busca ativa. Por outro lado, a simples lembrança está sob o império do agente da impressão, enquanto

os movimentos e toda a sequência de mudanças que vamos relatar têm seu princípio em nós” (RICŒUR, 2007, p. 37).

Posto isso, para os gregos a memória individual trazia a questão da forma de conservação dos traços *mnésicos* como uma marca material no cérebro. O que realmente interessava a eles não era a conservação desta marca, mas a forma como se recorda, isto é, como é que se reporta ao presente no passado. Os Antigos apresentaram esta marca através da célebre metáfora da impressão do selo na cera².

A memória como sendo a representação do passado é um dos enigmas que Ricœur insiste ao longo de seu livro, sob a chave que acompanha o estudo de Aristóteles em seu tratado “A memória e a reminiscência” que diz:

A memória é do passado”, uma recordação que surge sob a forma de imagens, como um signo ausente, mas que existiu no passado. A partir disso, encontramos três traços de forma paradoxal: a presença, a ausência e a anterioridade. Essa imagem recordação está presente no espírito como algo que não está, mas já esteve lá. “Mais fortemente ainda: é “na alma” que se diz ter anteriormente ouvido, sentido, pensado alguma coisa (RICŒUR, 2007 p. 35).

Nessa perspectiva, cabe também trazer o conceito grego *eikon*: tornar presente aquilo que está ausente, a memória traz para o agora, algo que não mais está aqui, mas já esteve num tempo passado.

cera, e é possível de ser recordado e conhecido; em contrapartida, o que é apagado e não pode ser impresso, é esquecido e não conhecido.” (SÓCRATES apud SOUZA, p. 72).

² “Se quisermos recordar algo que vimos, ouvimos ou pensamos nós próprios’ as impressões são colocadas num bloco de cera e, sob a cera, são colocadas as sensações e pensamentos, como se fossem feitos de um sinete. Aquilo que permanece como imagem desta impressão é fixado na

Ricœur evoca alguns pares de conceitos dicotômicos relacionados à memória. A memória é registrada e o instante em que vem à memória ela é retomada, isso se torna essencial, pois é onde há uma linha tênue que separa memória de imaginação. Tanto uma quanto a outra trazem o ausente para o presente, o que difere é que uma busca o ausente anterior, ao passo que a outra não se liga a um referencial “tendo-sido”, mas é capaz de conceber qualquer possibilidade e forma de pensamento. Para Ricœur (2007), memória é a realidade anteriormente vivida, já a imaginação está mais próxima da fantasia e ainda assim, com todas suas fragilidades a memória continua sendo para ele a única certeza que se pode ter de que alguma coisa aconteceu realmente no passado. “A memória que repete, opõe-se a memória que imagina: Para evocar o passado em forma de imagens, é preciso abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo” (BERGSON apud RICŒUR, 2007, p. 44).

Outra polaridade tratada por Ricœur é constituída por evocação e busca. Evocação sendo o aparecimento atual de uma lembrança, quando nos lembramos de algo, de alguma ocasião, que se dá de forma natural, comparada à lembrança de coisas diversas em ocasiões distintas e sem uma determinação lógica, não há uma intencionalidade objetiva que antecede a

lembrança, pode ser entendida aqui, como afecção. O outro pólo, que a denominação grega da *amnésis* designa diz respeito à busca, que coloca a memória na dimensão cognitiva. “[...] em virtude desse traço é que a memória pode ser considerada confiável ou não, e que deficiências propriamente cognitivas devem ser levadas em conta, sem que nos apressemos em submetê-las a um modelo patológico, com o nome desta ou daquela forma de amnésia” (RICŒUR, 2007, p. 43).

A evocação seria o ponto inicial para o processo de confirmação do fato evocado ou imagem e a partir disso dá-se a tarefa de verificação do saber, pois, ao possibilitar que o passado se coloque no presente, sem intencionalidades, a evocação ativa a busca, como processo de conhecimento de algo e especialmente sobre seu caráter veritativo, através da memória. Portanto a evocação, simples e espontânea tem o poder de gerar confiabilidade à memória e levar a patamares mais distantes no caminho de uma epistemologia da e a partir da memória através da busca. E apesar do esquecimento não fazer parte do interesse desse artigo, o autor o reconhece através da dicotomia evocação e busca, por esse esforço da busca geralmente a uma luta constante com o esquecer.

Ricœur prefere usar como dois polos de uma série contínua de fenômenos mnemônicos o que Bergson apresenta como dicotomia o par de

oposições hábito e memória. Nos dois casos são experiências adquiridas anteriormente, porém o hábito é sempre incorporado a um momento presente, sendo sempre atualizado, como passado e presente, e a memória faz referência à anterioridade, portanto aqui existe um distanciamento. A diferença entre esses dois polos seria o tempo da experiência. Em um o passado é rememorado, atualizado, adere-se ao presente e se fará passado de novo posteriormente, no outro, os fatos se dão por flashes, formas discretas, imagens mais ou menos precisas, entendendo que,

Nos dois casos extremos, pressupõe-se uma experiência anteriormente adquirida; mas num caso, o do hábito, essa aquisição está incorporada à vivência presente, não marcada, não declarada como passado; no outro caso, faz-se referência à anterioridade, como tal, da aquisição antiga” (ibid, p. 43).

Ricoeur distingue, fenomenologicamente, as duas expressões que caracterizariam a memória e o hábito em sua relação: “lembrar-se como” e “lembrar-se que”, e se apoia em três pensadores para falar sobre o olhar interior, da memória pessoal: Santo Agostinho, Jonh Locke e Husserl. Santo Agostinho discorre sobre a memória de forma bem próxima com o senso comum, mas Ricœur entende que para Santo Agostinho a experiência autêntica e original do tempo interior não é oposta ao tempo público, da rememoração, mas ao tempo do mundo.

Três traços costumam ser ressaltados em favor do caráter essencialmente privado da memória. Primeiro, a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. [...]. Em seguida, o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória. Foi dito com Aristóteles, diz-se de novo enfaticamente com santo Agostinho, a memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado. [...] É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade. [...] Finalmente, em terceiro lugar, é à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para frente. [...] é sobre esses traços recolhidos pela experiência comum e a linguagem corriqueira que a tradição do olhar interior se construiu” (RICŒUR, 2007, p. 108).

Referenciando Jonh Locke, Ricœur diz:

“O saber dessa identidade a si, dessa “coisa pensante” (Descartes), é a consciência” (RICŒUR, 2007, p. 115), portanto,

É a consciência que diferencia a idéia do mesmo homem e a de um si, também chamado de pessoa: E, penso, um ser pensante e inteligente, dotado de razão e reflexão, e que pode considerar a si mesmo como si mesmo, uma mesma coisa pensante em diferentes tempos e lugares [...] Pois a consciência sempre acompanha o pensamento, ela é o que faz com que cada um seja o que chama de si e o que distingue de todas as outras coisas pensantes [...] a identidade de tal pessoa estende-se tão longe que essa consciência consegue alcançar retrospectivamente toda ação ou pensamento passado; é o mesmo si agora e então, e o si que executou essa ação é o mesmo que aquele que, no presente reflete sobre ela (ibid, p.115).

Ricœur recorre também ao “eu” transcendental da fenomenologia de Husserl.

“Na perspectiva de um confronto entre a fenomenologia da memória individual e a sociologia da memória, a atenção foca-se na *quinta dimensão cartesiana*, na qual o problema da passagem da egologia à intersubjetividade é abraçado” (ibid, p. 119).

Em contraponto com memória estritamente individual, Ricœur reconhece uma memória coletiva, pois o ato de recordar tem lugar a partir de uma história interior que se é contada para si próprio, de forma interiorizada e a esse aspecto se acrescenta o outro. Essa narração íntima só é possível através de uma língua, que pode ser materna ou uma língua de adoção, portanto, constatado o elemento social que interliga uma narrativa interior e pessoal e que permite admitir o caráter social e coletivo da memória. “Temos assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. [...] De modo geral, todo grupo atribui lugares. É desses que se guarda ou se forma a memória” (ibid, p. 131).

A valorização de uma memória exclusiva coletiva é citada por Ricœur através de Maurice Halbwachs que como já foi dito anteriormente atribui a memória diretamente a uma entidade coletiva. Porém, segundo Ricœur, apesar de a memória coletiva ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Entre

a tradição antiga da reflexividade e uma mais recente, da objetividade, a memória coletiva e individual encontra-se em oposição, porém essa oposição está mais no universo de discurso do que na oposição de planos em que se encontram. Segundo Ricœur, o texto de Halbwachs diz fundamentalmente que para se lembrar, precisa-se dos outros, não apenas a espécie de memória que é a nossa não pode de modo algum ser derivada desta, como também a ordem de derivação é inversa. Ricœur põe a prova essa consequência que considera extrema: “partindo de uma análise da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensinamento recebido por terceiros, a memória individual toma posse de si” (ibid, p. 130).

Para Halbwachs, não existe espontaneidades em nossos pensamentos e impressões, esses se dão pelos encontros em nós de correntes que têm uma realidade fora de nós, e reforça que não somos possuidores originais de nossas lembranças, que isso não passa de uma ilusão.

Mas Halbwachs não ultrapassaria aqui uma linha invisível, aquela que separa a tese do “nunca nos lembramos sozinhos” da tese do “não somos um sujeito autêntico de atribuição de lembranças”? O próprio ato de “se recolocar” num grupo e de “se deslocar” de grupo em grupo, e mais geralmente, de adotar o “ponto de vista” do grupo, não supõe uma espontaneidade capaz de dar seqüência a si mesma? Caso contrário, a sociedade não teria atores sociais [...] “embora a memória coletiva extraia sua força e duração do fato de que um conjunto de homens lhe serve de suporte, são indivíduos que se lembram enquanto membros do grupo. Agrada-nos dizer que

cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupo e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios (ibid, p. 132 - 134).

Nesse sentido, mesmo tendo memórias individuais, somos levados a pensar no coletivo e de acordo com o coletivo, porém, isso é tão sutil e comum que passa despercebido por nós. Frequentemente usamos frases e repetimos falas que são apropriações do grupo ao qual estamos inseridos e não nos damos conta disso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo foi possível perceber que a divergência entre Halbwachs e Ricœur se dá praticamente no campo da memória individual. Enquanto Halbwachs defende que a memória individual não se sustenta junto a um teor científico rígido, Ricœur pensa ser possível um meio termo, nem uma memória que chega ao solipsismo, nem uma memória que se dê apenas através de um grupo social e se valeu dos pensamentos de Santo Agostinho, Edmund Husserl e John Locke para defender sua tese, chegando a criticar Halbwachs, quando diz que na condição de faculdade individual que se busca a marca do aspecto social, mas apesar dessa divergência, Ricœur considera a obra de Halbwachs “A memória coletiva” um trabalho fundamental e inovador no que diz respeito aos estudos referentes à memória. Na sua visão ao analisar a experiência individual, Ricœur não

nega que há da parte de todos nós, um pertencimento a um determinado grupo, que nos coloca desde o início da vida, com um aglomerado de ensinamentos que nos chegam através dos outros e, portanto, mesmo quando individualmente lembramos, estamos conectados a esse grupo ou a outros que aderimos ao longo da vida. Apesar disso, o pensamento de Ricœur possibilita o reconhecimento de si e o reconhecimento do outro e que implica no entremeio que garante a subjetividade e a alteridade.

Pudemos aqui perceber as nuances da memória fora do senso comum que percebe com simplicidade o advento da memória, as dicotomias entre hábito e memória, evocação e busca, memória e imaginação, nos faz repensar através do texto o quanto a memória pode nos enredar. Talvez, seria o caso de chamarmos outros pensadores nessa discussão teórica que nos mostrasse outros pontos de vida acerca desse tema tão interessante quanto complexo. Por último, apesar de toda desconfiança que possa se dá em torno da memória, ela ainda é a única possibilidade que temos de trazer ao presente algo acontecido do passado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Bruno Oliveira de. Imagem e memória: Henri bergson e Paul Ricouer. **Revista Estudos Filosóficos**, n 9, p. 136-150, 2012

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória.**

ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.

Tradução: Paulo Neves - São Paulo: Martins

Fontes, 1999.

CRACCO, Rodrigo Bianchini. Contribuições de Paul Ricœur aos historiadores acerca da fenomenologia da memória. **Tempos Históricos**, vol 21, p. 351-373, 2 semestre, 2017

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

OLIVEIRA, Priscila Chagas. Fragmentos do pretérito: reflexões acerca da memória individual e coletiva. **Museologia & interdisciplinaridade**, v. 9, nº 5, jan/jun de 2016

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François [etal.]. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RIOS, Fábio; Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: **Revista Intratextos**, 2013, v. 5, n1, p. 1-22, 2013

SILVA, Giuslane Francisca da, Maurice Halbwachs. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. **Aedos**, v. 8, n 18, p. 247-253, ago, 2016

SOUZA, Luciano Ferreira de. **Conhecimento e memória no Teeteto de Platão.** 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VIEIRA, Allan J. CORÁ, Élsio José. O olhar fenomenológico de Paul Ricouer sobre a memória. **Revista Pandora Brasil**, n 42, mai, 2012